
Consolação a Márcia*

Sêneca

I. 1. Se eu não soubesse, Márcia, que você não conhece nem a fraqueza de alma de seu sexo nem as outras imperfeições humanas e que seu caráter tem algo de outros tempos que o torna modelo, eu não ousaria abordar sua dor – esta dor que mesmo os homens nutrem e cultivam em si com tanta complacência – e não teria concebido a esperança, em condições tão ingratas, defendendo, diante de um juiz tão prevenido, uma causa tão irritante, procurando fazê-la ser absolvida de seu infortúnio. O que me deu confiança foi o vigor experimentado de sua alma, foi esta coragem que já se mostrou em uma ocasião maior. 2. Sabemos como você se conduziu em relação a um pai que você amava tão ternamente quanto a seus filhos, quase a ponto de não desejar que ele lhe sobrevivesse; ainda não estou muito certo, pois acontece de um grande amor se permitir desejos irracionais. Você fez tudo o que dependia de você para impedir que seu pai Cremuzio Cordo alcançasse a morte. Tendo-lhe sido bem demonstrado que, com os satélites de Sejano, este era o único meio que teria de escapar à servidão, você não favoreceu seu projeto, mas renunciou à luta e deixou correr abertamente suas lágrimas; você sem dúvida devorou seus gemidos, mas não os escondeu por trás de uma frente alegre: e isto em uma época em que se mostrava devotamento quando não se traía os seus.

* Tradução de Monica Seincman.

3. Mas, logo que uma mudança de regime deu-lhe a oportunidade, você tornou público o talento de seu pai, sobre o qual os carrascos se atiraram: você o ressuscitou de sua verdadeira morte, remetendo aos muitos monumentos públicos de nosso passado os livros de história que ele escreveu com seu sangue. O quanto não lhe deve a cultura romana? O fogo destruiu uma de suas mais notáveis eminências. O quanto não lhe deve a posteridade, a quem chegará em toda a sua pureza o fiel relato de uma testemunha que custou tão caro ao seu autor? O quanto ele próprio não lhe deve, ele cuja memória vive e viverá enquanto algum valor for dado à história de Roma, enquanto houver espíritos curiosos de reconstruir as ações dos ancestrais, enquanto se quiser saber o que é um romano, o que é um cidadão que, quando todas as cabeças se curvam e se submetem ao jugo de Sejano, permanece indomável, o que é um homem cujo gênio, cuja alma, cujos braços são livres?

4. Que perda para a república, ó deuses! Se este gênio, cujos dois méritos incomparáveis – o talento e a liberdade – fizeram ser condenado ao esquecimento, não fosse trazido por você à luz! Ele é lido, sua glória resplandece: ele está em todas as mãos, em todos os corações; do tempo nada tem a temer; em contrapartida os próprios crimes de seus perseguidores, que foi deles o único feito na memória dos homens, logo ninguém mais a eles se referirá.

5. A grandeza de sua alma me impedia de considerar seu sexo, assim como de considerar a tristeza que depois de tão longos anos vela incessantemente sua face. E veja quão pouco pretendo surpreendê-la, usar seus sentimentos: desperto a lembrança de seus antigos sentimentos e, para persuadi-la de que esta nova ferida também não incurável, mostro-lhe a cicatriz de uma chaga igualmente grave. Os outros que usem da doçura e de procedimentos carinhosos; eu vou tomar sua dor corpo a corpo, e estes olhos doentes e esgotados, que, se você deseja a verdade, choram hoje mais por costume do que por aflição, vou domá-los, se você se dispuser, com sua ajuda, e, caso não se disponha, apesar de você: você deverá reter e segurar desesperadamente esta dor, à qual destina em seu coração o lugar deixado vazio por seu filho. 6. Se não, quando isto terá fim? Todos os remédios fracassaram: as consolações que seus amigos cansaram de lhe dirigir, as altas intervenções dos homens eminentes com quem tem parentesco, o trabalho, esta preciosa herança paterna; a todas estas vozes seu ouvido permanece surdo, e as vãs consolações que elas lhe oferecem quando muito um instante de distração. O próprio tempo, este grande remédio pelo qual a natureza apazigua até os mais terríveis tormentos, não exerceu sobre você nenhuma ação. 7. Três anos já se passaram, e sua dor nada perdeu de sua primeira vivacidade: ela desperta e se reanima a cada dia; ela toma como um direito a sua duração, acreditando ser desonroso acabar. Todos os vícios criam em nós raízes profundas se não os sufocamos quando nascem: o mesmo acontece com os sentimentos sombrios e

deprimentes, que se atormentam a si mesmos sem cessar; acabam por se alimentar de sua própria amargura e o sofrimento se torna, para a alma infeliz, um tipo de prazer perverso. 8. Eu também teria preferido empreender sua cura desde o início: um tratamento benigno bastaria para deter o mal em sua raiz; contra um flagelo inveterado é necessária uma intervenção mais enérgica. Assim, as chagas do corpo se curam sem dificuldade quanto mais frescas forem; é preciso cauterizá-las, sondar a profundidade das carnes, nela penetrar com o dedo, quando as deixamos infectar e degenerar em úlceras. Hoje, não mais posso usar de deferência e delicadeza para enfrentar uma dor tão endurecida: é necessário romper o obstáculo.

II. 1. Sei que é comum, quando se admoesta alguém, começar pelos preceitos e acabar pelos exemplos. Mas às vezes é bom mudar de método. Pois os meios a empregar variam conforme os espíritos: uns cedem à razão; a outros é preciso alegar grandes nomes, cuja autoridade os ligue. 2. Os belos traços a cegam; vou deitar sob seus olhos dois ilustres exemplos que seu sexo e seu século me oferecem: o de uma mulher que se abandonou sem reserva ao desespero; e o de uma outra mulher que, atingida por um golpe semelhante e perdendo ainda mais, não deixou à infelicidade, no entanto, um longo império sobre sua alma, refazendo-se tão logo. 3. Octavia e Lívía, uma irmã, a outra esposa de Augusto, perderam cada uma um filho na flor da idade e que podiam ser considerados herdeiros do trono. Octavia viu morrer Marcelo, sobre quem seu tio e padrastrô começava a descarregar as fadigas e as preocupações do poder, jovem homem com alma viva, espírito vigoroso, com uma temperança e uma moderação verdadeiramente maravilhosas para sua idade e em um meio como o seu, infatigável no trabalho, inimigo dos prazeres, capaz de sustentar, por mais esmagador que fosse, o fardo e, se assim posso falar, o edifício que seu tio se dispunha a lhe deixar sobre os ombros; Augusto soube escolher bases que não cederiam sob peso algum. 4. Durante todo o resto de sua vida, Octavia chorou e gemeu; jamais aceitou qualquer palavra de conforto; jamais se permitiu freqüentar qualquer distração que fosse, absorvida por um pensamento único que a ocupava completamente. Ela foi durante toda a sua vida o que fora no dia das exéquias: não que lhe faltasse energia, mas ela se recusava qualquer alívio, temendo aumentar sua miséria caso perdesse a felicidade das lágrimas. Ela não quis imagem alguma desse filho tão ternamente amado; não sofria se dele lhe falassem. 5. Ela detestava todas as mães e mostrava um particular furor contra Lívía, cujo filho parecia haver herdado a felicidade que prometera ao seu. Não tendo prazer senão com a obscuridade e a solidão, distanciando-se inclusive de seu irmão, ela rejeitou os poemas compostos em louvor a Marcelo e as outras obras que celebravam sua memória, e fechou os ouvidos a qualquer consolação. Furtando-se às cerimônias

oficiais, detestando até a glória por demais viva da majestade fraterna, ela se escondeu em um profundo retiro. Rodeada por seus filhos e por seus netos, ela guardou até o fim suas vestes de luto, para a grande humilhação de todos os seus, que a viam, eles vivos, agir como se ela estivesse só no mundo.

III. 1. Lívia perdeu seu filho Druso, grão-duque, se vivesse, e já grã-capitão; ele já havia penetrado até o coração da Germânia e lá plantado o estandarte de Roma em lugares em que mal se sabia da existência dos romanos. Morreu durante a campanha, objeto, ao longo de sua doença, do respeito dos próprios inimigos, que suspenderam seus ataques e não ousaram desejar sua própria vantagem. A essa morte que encontrou servindo a república acrescentava-se a imensa desolação dos cidadãos, das províncias e de toda a Itália, que viu seu cortejo fúnebre, na passagem do qual municipes e colonos precipitavam-se com gosto para lhe render uma suprema homenagem, ir até Roma, como em um cortejo triunfal. 2. A mãe não pôde recolher nem os últimos beijos de seu filho, nem as caras palavras de sua boca expirante. Ela seguiu durante esse longo trajeto os restos de seu Druso, e cada uma das inumeráveis piras cujas chamas via brilhar atravessando a Itália renovava, por assim dizer, sua perda e reavivava sua dor; mas, tão logo pôde depositá-lo em seu túmulo, ela aí sepultou ao mesmo tempo seu filho e sua dor. Não se afligiu além do que lhe permitiam as civilidades enquanto o imperador estava vivo, nem a equidade enquanto tinha outro filho. Depois não deixou de pronunciar o nome de Druso, de ter constantemente sua imagem diante de seus olhos, na intimidade ou em público, de gostar de falar e de ouvir falar dele; ela viveu com a sua lembrança – a lembrança daqueles que não mais estão, que não se poderia alimentar e cultivar em si quando ela se torna por demais cruel.

3. Escolha, pois, destes dois exemplos, aquele que lhe parece mais louvável. Se quiser seguir o primeiro, você se retirará de entre os vivos, terá aversão aos filhos dos outros, aos seus e até a este que você chora, você será um sinistro presságio para as mães que a encontrarão, você rejeitará os prazeres honestos e legítimos, sob pretexto de que ameaçarão seu infortúnio, você maldirá a luz do dia, da qual será prisioneira, e você se insurgirá contra a sua própria vida, lenta demais para dar fim à sua miséria; coisa vergonhosa entre todas e que não se esperará de uma alma que se fez conhecer melhor, você se mostrará tão extenuada de viver quanto incapaz de morrer. 4. Se tomar como modelo a conduta diferentemente razoável e humana da segunda mulher ilustre que citei, você não se consumirá de dor, você não se martirizará por prazer. E que loucura, ó deuses, castigar-se pelo infortúnio e aumentar voluntariamente seus males! A pureza, a delicadeza dos sentimentos dos quais você sempre deu prova em todas as circunstâncias marcar-se-ão aqui ainda: pois o sofrimento também tem seu pudor.

E este jovem enfim, tão digno que seu nome e seu pensamento jamais lhe dão senão alegria, será muito mais honrado por você se somente se oferecer aos olhos de sua mãe, assim como no tempo em que vivia, em feições felizes e sorridentes.

IV. 1. Não lhe proporei máximas demasiadamente rudes: não a convido a opor uma firmeza inumana às misérias da humanidade e não pretendo secar as lágrimas de uma mãe no dia mesmo dos funerais. Submetamo-nos juntos a um árbitro: a questão a ser debatida entre nós será de saber se nossas dores devem ser grandes ou se devem ser eternas. 2. Não duvido que o exemplo de Lívia, de quem era amiga particular, não tenha um grande valor a seus olhos: é ela quem a engaja em suas deliberações íntimas. No primeiro transporte da dor, no momento em que nossas feridas são as mais refratárias e as mais violentas, ela se deixou consolar por Areus, o filósofo de seu marido, e ela reconheceu que esta ajuda era preciosa para ela: ela lhe devia mais do que ao povo romano ao qual queria afligir com a sua tristeza; mais do que a Augusto, que, privado de um dos seus dois apoios, não necessitava além disso dos lamentos de seu meio; mais do que a seu filho Tibério, cuja ternura a impediu, apesar da crueldade de um luto ao qual o mundo inteiro se associava, de se sentir atingida senão no número de seus filhos. 3. Eis, eu suponho, como ele abordou e de que modo se dirigiu a uma mulher tão preocupada em manter sua reputação: “Até este dia, Lívia, até onde sei, eu que nunca me afasto de seu esposo e que sou o confidente não apenas daquilo que se revela ao público, mas dos movimentos mais secretos de seus corações, você soube por sua conduta não dar motivo para crítica alguma; e isto não apenas nas grandes ocasiões, mas mesmo nas mais cotidianas, você se impôs a jamais necessitar da indulgência da opinião pública, este juiz tão imparcial dos príncipes. 4. Ora, nada conheço de mais belo do que ver aqueles que são educados no âmbito supremo prodigalizarem o perdão em torno de si e jamais solicitá-lo para si mesmos. Siga, pois, mais uma vez hoje a regra de toda uma vida, e cuide para não cometer nenhum erro, nenhuma imprudência, que tenha de se arrepender.

V. 1. “Eu lhe suplico e lhe conjuro em seguida não se mostrar rebelde e intratável a seus amigos. Você não ignora que eles se perguntam qual deve ser sua conduta, se eles falarão de Druso diante de você ou se se proibirão, arriscando-se a ofender sua glória, parecendo tê-lo esquecido, ou ofender a você pronunciando o nome dele. 2. Quando estamos reunidos entre nós, evocamos suas ações e suas palavras com toda a admiração que lhe é devida; diante de você, nossas bocas se calam. Você assim se priva do maior dos prazeres, o de ouvir os louvores a seu filho, enquanto você daria a sua vida, tenho certeza, se fosse coisa possível, para perpetuá-los para sempre. 3. Sofra, pois, provoque mesmo os encontros em que se tratará dele; tenha um ouvido atento ao nome e à

lembrança de seu filho e evite ver nisto uma tristeza a mais, como tantas pessoas que, em semelhantes circunstâncias, consideram como uma parte de sua infelicidade as consolações que lhe são oferecidas. 4. Até agora, você coloca todo o seu peso sobre o ponto dolorido; cega ao que ele tem de bom, você não considera de sua fortuna senão a face mais cruel. Seus olhos não se voltam para o tempo feliz em que desfrutava de seu filho, para o tempo de seus doces encontros, de suas caras carícias infantis, de seus progressos escolares: você se prende unicamente ao último aspecto das coisas e, como se a realidade não fosse suficientemente aterrorizante por si só, você a sobrecarrega com todas as crueldades possíveis. Eu lhe suplico, não queira a glória perversa de passar pela mais infeliz das mulheres. 5. Pense ao mesmo tempo que há muito pouco mérito em mostrar sua coragem na prosperidade quando a vida escoia sem obstáculos: um mar calmo e um vento favorável também não valorizam a habilidade do piloto; é preciso a tempestade para que uma alma se dê a conhecer. Assim, não se deixe aterrorizar; longe disso, reforce sua postura e, por mais violento que seja o choque, resista, passado o primeiro abalo, ao golpe que se abateu sobre sua cabeça. Nada pode atingir tanto a Fortuna quanto uma alma que não se perturba”. Após o quê, ele lhe expunha que ela possuía um outro filho vivo e que lhe restavam netos daquele a quem perdera.

VI. 1. É de você, Márcia, que se trata: é você que Areus apoiou; mude o nome, é a você que suas consolações se dirigiam. Consideremos, no entanto, Márcia, que a perda que você sofre supera as que as outras mães jamais experimentaram: não a lisonjeio, não diminuo sua infelicidade. 2. Se as lágrimas triunfam sobre o destino, lamentemo-nos; que nossos dias se passem a gemer, que nossas noites sem sono sejam apenas desolação; rasguemos com nossas mãos nosso peito mortificado e não poupemos nem mesmo o nosso rosto; entreguemo-nos a todos os furores de um desespero tão salutar. Mas, se nossos soluços não ressuscitam os mortos, se todo o nosso desamparo não muda uma sorte imutável e fixada desde sempre, se a morte não larga sua presa, cesse esta dor inútil. 3. Partindo daí, governemo-nos e não nos deixemos levar por sentimentos cuja violência nos dilacera. Vergonha do marinheiro a quem as vagas tiram o leme, que deixa suas velas baterem ao sabor dos ventos e abandona seu barco à tempestade; mas admiremos, até em seu naufrágio, aquele que o mar engoliu segurando o leme e lutando ainda.

VII. 1. – No entanto, está conforme à natureza lamentar os seus. – Quem o contesta, desde que estes lamentos sejam moderados? A simples partida daqueles que nos são caros nos causa, tanto quanto a sua morte, uma irresistível emoção, que aperta os corações mais duros. Mas o preconceito para isto contribui mais

do que é imposto pela natureza. 2. Veja quanto a dor dos animais é violenta, e no entanto como passa rápido: as vacas mugem um dia ou dois, a corrida louca e desordenada dos cavalos não dura mais do que isso; quando as bestas selvagens correram atrás de seus filhotes e erraram pelas florestas, quando muitas vezes voltaram à sua cova devastada, seu furor passa em um instante; o pássaro se agita com gritos cortantes em torno de seu ninho deserto: no instante seguinte, retoma tranqüilamente seu vôo. Nenhum animal lamenta por muito tempo sua progeneritura, exceto o homem, que se faz cúmplice de sua dor e não se aflige proporcionalmente ao que sente, mas à medida em que se lhe é fixado. 3. Você quer provas de que a natureza não exige que nos esgotemos em lamentos? Inicialmente, o mesmo luto afeta uma mulher mais do que um homem, um bárbaro mais do que uma pessoa civilizada, um ignorante mais do que uma pessoa instruída. Ora, quando uma coisa retira sua força da natureza, esta força permanece a mesma em todos os indivíduos; é patente que o que varia não emana da natureza. 4 O fogo queimará indiferentemente indivíduos de todas as idades, habitantes de todos os países, tanto homens quanto mulheres; o ferro fará sentir a não importa qual corpo sua faculdade de cortar: por quê? Porque é a natureza que lhes deu suas propriedades e jamais excluiu ninguém. Pela pobreza, pelo luto, pelo desprezo, todos são afetados diversamente, conforme seja mais ou menos infectado pelos preconceitos e que a falsa idéia que faz *a priori* das coisas que nada têm de terrível lhe tirem mais ou menos sua força e sua coragem.

VIII. 1. Em seguida, quando uma coisa é obra da natureza, ela não diminui ao longo do tempo. A dor desaparece aos poucos: a mais persistente, aquela que cada dia vê renascer e que se insurge contra os remédios, enfraquece no entanto sob a ação soberana do tempo, que acalma todas as rebeliões. 2. Sua dor, Márcia, é ainda extrema, e já parece se atenuar: não é mais o violento desespero do início, é uma melancolia tenaz e obstinada, que o tempo apagará pouco a pouco. Cada vez que seu espírito se ocupar com outra coisa, ele se libertará mais e mais. Por enquanto, cuide-se; mas obrigar-se à tristeza não é mais como a ela se abandonar. 3. Como seria mais conforme à distinção de seu caráter colocar fim à sua dor, em vez de esperar que cesse, e não permitir que chegue o momento em que a dor a deixe contra a sua vontade! Rompa antes com ela.

IX. 1. – De onde vem então, se ela não resulta de uma exigência da natureza, a obstinação que colocamos a nos desolar? – É que nós nunca imaginamos uma infelicidade antes do momento em que ela acontece. Acreditamos que estamos garantidos por um privilégio especial e que o caminho que tomamos é mais seguro do que o dos vizinhos: os infortúnios do outro não nos fazem compreender que eles são comuns a toda a humanidade. 2. Quantos funerais passam

diante de nossa porta! e não pensamos na morte. Quantos falecimentos prematuros! e sonhamos com o tempo em que nossos bebês receberão a toga, serão oficiais, herdarão os bens paternos. Quantos ricos são repentinamente reduzidos à mediocridade sob nossos olhos! e jamais nos vem ao espírito que nossa própria fortuna corre os mesmos riscos. É fatal que afundemos, no momento em que o choque nos surpreende; um golpe há muito esperado se amortece ao nos atingir. 3. Você percebe, então, que você é um alvo oferecido a todos os golpes e que as setas que trespassavam seus vizinhos deixaram de tocá-la em sua passagem. Pense que você anda quase sem armas no assalto de muralha, ou de uma posição fortemente ocupada pelo inimigo e praticamente inexpugnável: espere ser ferido, e diga para si mesmo que todas as pedras, flechas, lanças que voam ao acaso sobre sua cabeça foram lançadas contra você. Cada vez que alguém cair do seu lado ou atrás de você, grite bem alto: “Você não me enganará, Fortuna! Se eu sucumbo sob seus golpes, não será por não ter desconfiado ou me posto em guarda. Eu sei o que você está pensando: você abateu um outro, mas é a mim que você visava”. 4. Quem, então, contemplando seus bens, os olha jamais como perecíveis? Quem de nós jamais ousou sonhar com o exílio, com a miséria, com a morte dos seus? E quem, pois, convidado a considerar isto, não rejeitou a advertência como um sinistro presságio e não lançou estas catástrofes diretamente sobre a cabeça de seus inimigos ou do conselheiro inoportuno? 5. “Não acreditei que isto aconteceria”. Você não acredita que uma coisa aconteça quando sabe que ela é possível, quando você a vê chegar a cada dia a não se sabe quantas pessoas? Ah!o belo verso e que mereceria não vir dos palcos:

O que pode atingir um pode atingir todos os outros.

Este homem perdeu seus filhos: você pode perdê-los também. Este outro foi condenado: sua inocência corre o mesmo risco. Eis de qual aberração somos vítimas e por que falhamos no vigor quando os revezes que jamais prevíamos nos assaltam. Tiramos dos males presentes sua força quando os vimos vir de longe.

X. 1. Quaisquer que sejam, Márcia, os bens exteriores cujo brilho nos cerca, filhos, honras, riquezas, vastos átrios e vestibulos abarrotados de clientes cujo porte, reputação, mulher nobre ou bela, objetos diversos tributários de um destino movediço e caprichoso, eis aí tantos ornamentos que não são nossos e que apenas nos são emprestados. Nenhum deles nos é dado, no verdadeiro sentido do termo. O cenário que mobilia a cena é feito de acessórios emprestados, que será preciso devolver a seus proprietários: uns serão retomados no primeiro dia, outros no dia seguinte; muito poucos ficarão até o fim. 2. Assim, não nos iludamos: o que nos cerca não nos pertence; não passamos de depositários. Deles temos o uso e do desfrute por um tempo que o possuidor, senhor de suas liberalidades,

limita a duração como lhe aprouver. Devemos estar sempre prontos a saldar uma dívida cujo vencimento não está fixado, e restituir sem reclamar à primeira requisição; somente os maus pagadores discutem com seus credores. 3. Nosso afeto por todos os nossos, por aqueles que queremos que nos sobrevivam em virtude da ordem dos nascimentos, assim como para aqueles que formam eles mesmos o voto legítimo de nos superar, deve considerar que não nos foi prometido nem tê-los para sempre, nem mesmo tê-los por muito tempo. Tragamos sempre à mente que os objetos aos quais nosso coração se liga são chamados a nos deixar, melhor ainda que eles nos deixem já: pensemos que a posse dos bens que temos da Fortuna não nos é garantida por nada. 4. Apresse-se em desfrutar de seus filhos, dê-lhes em troca todas as alegrias possíveis, e experimente sem delongas todos estes prazeres do coração: não a autoriza a contar com a noite seguinte, e este termo está ainda demasiadamente distante; eu deveria dizer: neste exato minuto. Corra! O inimigo está no seu encalço; logo ele dispersará seu pequeno grupo, romperá, fazendo-lhe dar altos gritos, sua sociedade familiar. Tudo é perda no mundo, e vocês se mostram, infelizmente!, incapazes de viver nesta fuga incessante.

5. Se você chora porque seu filho morreu, culpe a hora em que ele nasceu: seu fim lhe foi determinado desde o instante que veio ao mundo. Foi a este preço que ele lhe foi dado, é a sorte que o perseguirá desde o ventre de sua mãe. 6. Nós estamos sob a sujeição da Fortuna; seu jugo é rude e invencível, e devemos apenas nos submeter aos tratamentos, justos ou injustos, que sua fantasia nos inflige. Nossos corpos sofrerão suas violências, seus ultrajes, suas crueldades: ela queimará uns, tanto a título de castigo, quanto à guisa de remédio; ela carregará outros: tanto pela mão do inimigo, quanto pela de um concidadão; ela entregará estes sem recurso aos caprichos de um mar revoltado e, quando tiverem lutado bastante contra as vagas, ela não os jogará nem mesmo sobre uma praia ou uma margem, mas os esconderá no ventre de alguma fera monstruosa; ela esgotará aqueles por doenças de toda espécie e os manterá longamente suspensos entre a vida e a morte. Como uma senhora caprichosa, imprevisível e indiferente ao que faz a seus escravos distribuirá a torto e a direito castigos e favores. 7. Para que serve se lamentar sobre os detalhes da existência? É toda vida que deveria nos afligir. Novos males nos avassalarão antes de nos libertarmos dos antigos. Dominemo-nos, pois, sobretudo vocês mulheres, que são imoderadas na dor, e manejem as forças do coração humano, que devem atenuar tanto sofrimento.

XI. 1. E que esquecimento é este, afinal, de sua própria condição e da de todos? Você nasceu mortal e gerou mortais. Sendo você mesma um corpo caduco e arruinado, onde pululam as doenças, você esperava ver sair de uma substância tão frágil seres sólidos e imortais? 2. Seu filho está morto: o que dizer,

senão que ele atingiu o limite rumo ao qual os que nasceram, acredite, mais afortunados que eles andam sem detença? Toda esta multidão que se disputa no Fórum, que se diverte no teatro, que ora nos templos, caminha para este objetivo único mais ou menos rapidamente. O que você ama, o que você despreza, tudo se igualará na mesma cinza. 3. O célebre conhece-te, que figura entre os oráculos da Pítia, não tem outro sentido. O que é o homem? Um vaso que se quebrará ao menor abalo, ao menor movimento. Não é necessário um vendaval para reduzi-la a pó: um primeiro choque um pouco violento a deslocará. O que é o homem? Um corpo débil e frágil, desnudo, indefeso por sua própria natureza, que tem necessidade do auxílio alheio, exposto a todos os danos da Fortuna; pasto e vítima, quando exerceu bem seus músculos, da primeira fera vinda; moldado de matéria mole e inconsistente e brilhando somente por seus traços exteriores; incapaz de suportar o frio, o calor, a fadiga, mas que a corrupção e a ociosidade rapidamente teriam desagregado; à mercê de seus alimentos, com cuja carência se enfraquece, com cujo excesso se rompe; tendo mil penas e mil dificuldades para se conservar; cuja respiração é tão precária e tão pouco segura que um ruído desagradável batendo bruscamente em seus ouvidos o detém imediatamente; um corpo que é, em si mesmo, fonte inútil e perversa de perigos. 4. E nos espantamos, depois disso, com que ele morra, quando a morte precisa senão de um suspiro! Acaso é necessário um esforço colossal para abatê-lo? Um odor, um sabor, um cansaço, uma vigília, uma bebida, um alimento e tudo aquilo sem o que não pode viver, lhe são fatais. Não pode dar um passo, sem tomar imediatamente consciência de sua fraqueza: todos os climas lhe são nefastos; se beber uma água nova, se respirar um ar ao qual não estava habituado, ao menor acidente, ao mais leve dano, ei-lo doente. Criatura fraca, frágil, que inaugura a existência pelas lágrimas, com quantas agitações este desprezível animal não enche o mundo! A quais projetos gigantescos não se entrega, esquecendo sua condição! 5. Imortalidade, eternidade, eis com o que sonha; ele formula planos para o tempo de seus netos e de seus bisnetos e, enquanto constrói assim o futuro, a morte cai sobre ele: mesmo aquilo que chamamos velhice é somente um ciclo de anos muito curto.

XII. 1. Sua dor, se raciocinar, terá por objeto seu próprio prejuízo ou o de um defunto? O que a afeta na morte de seu filho? É não ter de forma alguma desfrutado esta criança? Ou é o pensamento de que poderia ter desfrutado mais se sua vida fosse um pouco mais longa? Se você responder que de forma alguma desfrutou dele, você tornará a sua perda mais suportável, pois se lamenta menos aquilo que nunca nos causou nem alegria nem prazer. 2. Se você reconhecer que você lhe deveu grandes alegrias, não é preciso se queixar do golpe que recebeu, mas sim felicitar-se pela ventura que teve. A educação dele por si só recompensou amplamente suas dores: pois a quem faremos crer que as pessoas que criam com

a mais zelosa solicitude cãezinhos, pássaros e outros objetos com um apego tão frívolo tenham tanto prazer ao olhá-los, ao tocá-los, a receber as carícias destes animais estúpidos, e que, quando se trata de nossos filhos, a recompensa de nossos cuidados de educadores não esteja em sua própria educação? Mesmo que jamais lhe tenha servido por sua atividade, que jamais tenha velado conscienciosamente por seus interesses, que seus conselhos jamais o tenham ajudado, você o teve, o amou: isso não significa algo?

3. – Mas uma felicidade mais longa teria sido maior. – Você sempre esteve mais bem servida do que se não tivesse tido nada: se pudéssemos escolher ser felizes por pouco tempo ou jamais o ser, melhor seria ainda uma ventura efêmera do que a ausência total da felicidade. O que você preferiria, um ser degenerado que apenas preencheria o espaço e que seria seu filho apenas pelo nome, ou um filho dotado como o que você teve, tão precoce nos sentimentos quanto na inteligência, tão cedo casado, tão cedo pai, tão impaciente de realizar todos os seus deveres de homem, tão cedo sacerdote, e que dissemos urgir viver? É muito raro que um grande bem seja ao mesmo tempo um bem durável. Apenas as felicidades pouco sensíveis se prolongam e vão até o final. Os deuses imortais, que não deviam deixar-lhe seu filho que por pouco tempo, ter-lho-ia dado tão perfeito, não sendo possível melhorar durante uma longa existência.

4. Você também não pode dizer que os deuses tenham-na escolhido especialmente para impedir de desfrutar seu filho. Percorra com os olhos a multidão de seus semelhantes, conhecidos e desconhecidos: você descobrirá em todos os lugares misérias maiores que as suas. Grandes generais sofreram esta provação, príncipes a ela foram submetidos; a fábula não isenta nem mesmo os deuses, sem dúvida para que encontremos um alívio para nossas feridas no pensamento de que seres divinos sucumbem também eles à morte. Olhe, repito, ao redor de você: você não me nomeará uma família, por mais infeliz que seja, cujo espetáculo de uma família mais infeliz ainda não possa consolar. 5. Eu não tenho, oh deuses!, uma opinião a seu respeito suficientemente desagradável para acreditar que eu suavizaria sua dor com o desfile diante de seus olhos de uma interminável série de aflitos: é necessário ter um coração bem invejoso para encontrar conforto no grande número de infelizes. Trarei, no entanto, alguns exemplos, não para lhe demonstrar que seu infortúnio é comum ao gênero humano (seria ridículo multiplicar as provas de nossa mortalidade), mas para fazê-la ver que não faltam homens que tenham suavizado os rigores da sorte por sua constância em suportá-las. 6. Começemos pelo mais feliz de todos. Sila perdeu seu filho: este acontecimento não amorteceu em nada sua maldade, nem diminuiu a energia furiosa com a qual perseguia inimigos e cidadãos, e também não fez pensar que tomou erroneamente o sobrenome que se atribuiu após a morte deste filho, sem temer nem o ódio dos homens, cujos sofrimentos causavam sua excessiva feli-

cidade, nem a cólera dos deuses, contra quem advogava tão vigorosamente a prosperidade de um Sila. Mas deixemos de lado, como um destes problemas que a história ainda não resolveu, a questão de saber como se deve julgar Sila (seus próprios inimigos confessarão que ele tomou da espada e a depôs intencionalmente), o ponto que nos interessa não será menos claro: um mal que não poupa nem mesmo os mais afortunados dos homens não é um mal tão temível.

XIII. 1. Que a Grécia não fique tão orgulhosa deste pai que, sabendo com muito sacrifício da morte de seu filho, limitou-se a fazer com que o flautista se calasse e tirou a coroa de sua cabeça, terminando a cerimônia: temos o pontífice Pulvillo, que procedia, com a mão sobre o batente da porta, a dedicatória do Capitólio, quando foi anunciado que seu filho morrerá. Ele fez como se não tivesse escutado: recitou as fórmulas do ritual sem que o menor gemido interrompesse suas orações e, apesar de lhe falarem sobre seu filho, continuava a invocar a proteção de Júpiter. 2. Poderíamos crer que ele tivesse que refrear sua dor, este pai que a violência da primeira emoção não desviara dos altares em que realizava seu ministério e não sendo impedido de pronunciar as palavras propiciatórias? Não era ele digno, oh deuses!, da dedicatória memorável de que era encarregado e de seu alto sacerdote, este homem que a própria cólera dos deuses não desencorajou de adorá-los? E, no entanto, quando voltou para casa, seus olhos transbordaram de lágrimas: algumas palavras queixosas lhe escaparam, depois, tendo-se desvencilhado dos deveres ordinários relativos aos mortos, retomou sua expressão do Capitólio. 3. Para a época do famoso triunfo em que recebeu a glória de levar Perseu acorrentado diante de seu carro, Paulo Emílio, que vinha dar em adoção dois de seus filhos, levou ao túmulo aqueles a quem havia mantido. Como eram os filhos que ele havia se reservado, quando entre aqueles que havia cedido figurava Cipião! Não foi sem uma viva compaixão que o povo romano viu passar vazio o carro de Paulo Emílio. Ele, no entanto, discursou para a multidão e rendeu graças aos deuses por suas orações terem sido atendidas: não havia ele pedido que, se sua magnífica vitória tivesse um preço, fosse antes à sua custa do que em detrimento da república? 4. Dimensione sua força de alma: ele se felicitava de sua infelicidade. E quem mais além dele teria o direito de estar perturbado por tal catástrofe? Ele perdia ao mesmo tempo os apoios e as consolações de sua vida. Perseu, no entanto, não sentiu a alegria ao ver Paulo Emílio aflito.

XIV. 1. Citarei sucessivamente inumeráveis exemplos de grandes homens e procurarei em todos os lugares os infelizes, como se não fossem mais difíceis de descobrir do que os felizes? Quantas famílias vemos conservar até o fim todos os seus membros ou não atravessar alguma provação grave? Escolha o ano que

quiser e evoque os magistrados encarregados: Lúcio Bíbulo, por exemplo, e César. Entre estes dois colegas inimigos, você constatará um perfeito acordo de fortuna. 2. Bíbulo, alma mais virtuosa que corajosa, teve dois filhos mortos ao mesmo tempo; como eles foram humilhados pela soldadesca egípcia, havia uma coisa tão dolorosa quanto sua perda, era a indignidade de seus carrascos. E, no entanto, este Bíbulo, que durante todo o ano de seu consulado, ficou escondido em casa para evitar os ataques de seu colega, saiu no dia seguinte àquele em que a nova desta dupla morte lhe chegou para cumprir como sempre as obrigações de seu cargo. Como dedicar aos dois filhos menos do que um dia? Isto foi tudo o que este homem que guardara um ano de luto de seu consulado se permitiu para chorar seus filhos. 3. César estava percorrendo a Bretanha, e o Oceano não era mais um barreira para sua feliz fortuna, quando soube da morte de sua filha, que levava com ela a república para o túmulo: já era visível que Pompeu não toleraria em Roma nenhuma outra grandeza que a sua e que deteria os progressos que lhe parecessem ameaçadores, ainda que tivessem o interesse de Estado como objeto. E, no entanto, três dias ainda não haviam se passado quando César retomou o exercício de seu comando: ele empregou para vencer sua dor a mesma rapidez que em suas outras vitórias.

XV. 1. Lembra-la-ei dos lutos de outros Césares? Parece-me que a Fortuna ataca-os expressamente de tempos em tempos para que o gênero humano lhes deva uma graça a mais: a de saber que os próprios personagens que passam por ser filhos dos deuses e por dar à luz deuses não dispõem de seu destino nem do destino do universo. 2. O divino Augusto perdeu seus filhos, seus netos, viu desaparecer até o último César e teve de recorrer à adoção para manter sua casa devastada: ele empregou, no entanto, para suportar sua sorte, toda a coragem de um homem que já, ele mesmo, se sentia pessoalmente envolvido e que tinha o mais alto interesse em que ninguém se queixasse dos deuses. 3. Tibério perdeu sucessivamente seu filho verdadeiro e seu filho adotivo. Foi visto, no entanto, pronunciar em pessoa do alto dos Rostros o elogio a este último, de pé junto ao corpo, com um simples véu a separá-los, de modo a evitar aos olhares do pontífice a visão de um cadáver e, enquanto o povo inteiro chorava, manter um rosto impassível. Fez com que Sejano, que se mantinha ao seu lado, sentisse com que constância ele era capaz de suportar a morte dos seus. 4. Você vê o número considerável de homens ilustres este flagelo que nada poupa atingiu: e eram homens cumulados de todos os dons da alma, glorificados na vida pública e privada com todas as distinções imagináveis! Mas diríamos ser uma tormenta que destrói indistintamente tudo sobre o seu caminho e vítima tudo o que encontra. Solicita a cada ser humano repassar diante de você suas contas: nenhum nasceu impunemente.

XVI. 1. Eu sei o que você vai me dizer: eu esqueço que consolo uma mulher e somente dou homens como exemplo. Mas quem, pois, ousará dizer que a natureza tenha menos generosamente dotado as mulheres e que ela tenha diminuído o campo de suas virtudes? Elas têm, você pode me acreditar, tanta força quanto os homens; elas encontram em si, posto que lhes agrade encontrá-los, os mesmos recursos morais; elas suportam com tanta coragem o sofrimento e a dor, tanto que a isto estão afeitas. 2. Em que cidade, oh deuses!, temos esta linguagem? Em uma cidade em que Lucrecia e Bruto abateram o tirano cujo jugo esmagava nossas cabeças: a Bruto devemos nossa liberdade; a Lucrecia devemos Bruto; em uma cidade em que quase se fez de Clélia um homem, por sua insigne audácia em bravatear o inimigo e as vagas: do alto de sua estátua eqüestre, que se posta sobre a via Sagrada, um dos mais freqüentados lugares de Roma, Clélia envergonha os pretensiosos que passam enlameados em suas liteiras ao ousarem entrar com semelhante aparelhagem em uma cidade em que as próprias mulheres se vêem honradas por um cavalo. 3. Se você insistir em que eu cite exemplos de mulheres que suportaram a morte dos seus com bravura, não terei dificuldade para encontrá-los: a mesma família me fornecerá as duas Cornélias. A primeira, filha de Cipião e mãe de Graco, teve 12 filhos; ela os perdeu a todos os 12: e nada podemos dizer dos outros, cujos nascimentos e desaparecimentos não foram de forma alguma sensíveis à cidade; mas ela viu Tibério e Caio, cuja virtude, se quisermos, contestamos, mas dos quais não podemos negar terem sido grandes homens, massacrados e privados de sepultura. No entanto, como se queria consolá-la e que se lamentava sua infelicidade: “Jamais”, disse ela, “me farão dizer que não sou feliz, quando dei à luz os Gracos”. 4. A outra Cornélia, esposa de Lívio Druso, perdeu um filho do mais brilhante mérito, dotado de uma inteligência notável e que caminhava sobre as pegadas dos Gracos: este jovem, cuja morte deixava tantos projetos de lei inconclusos, fora assassinado em sua casa por um assassino desconhecido. Ele empregou, pois, para suportar esta morte prematura, que permaneceu impune, tanta coragem quanto empregou o seu filho para defender suas leis. 5. Você perdoará, Márcia, à fortuna, se as setas com que ela acertou os Cipiões, as mães e as filhas dos Cipiões, e as que ela fez chover sobre os Césares, também não a pouparam. A vida é repleta de ameaças e de perigos de toda a sorte que jamais nos deixam por muito tempo em paz, e que não nos concede nem mesmo a treva. 6. Você pôs no mundo quatro filhos, Márcia. Diz-se que uma lança atirada sobre uma tropa cerrada nunca é perdida: seria surpreendente que uma família tão numerosa não tenha podido se desviar dos golpes de uma sorte invejosa? 7. – Mas o que agrava a iniquidade da Fortuna é que ela não se contentou em me tirar os filhos, ela os escolheu entre outros. – Você, no entanto, não poderia dizer que houve iniquidade quando se partilha em porções iguais com alguém mais poderoso que si: a Fortuna lhe deixou duas filhas,

e destas filhas, netos; e o próprio filho que você chora tão vivamente, a ponto de não mais pensar no primeiro, ela não lho tirou completamente: você tem dele duas filhas, pesado fardo se você fraquejar, poderosa consolação se for corajosa. Obtenha de si que sua visão a lembre de seu filho e não de sua dor. 8. Quando ele vê, abatidas sobre o solo, árvores que o vento acaba de desenraizar e que um violento ciclone derrubou, o agricultor prodigaliza seus cuidados aos brotos que restam delas e, sem perda de tempo, distribui aqui e ali plantas e mudas novas, e logo (pois o tempo, tão rápido e pronto para destruir, também o é para restaurar) jovens brotos começam a crescer, mais belos do que as árvores perdidas. 9. Substitua Mitílio por suas filhas, faça-as preencher o vazio que ele deixou e dê à sua dor única esta dupla consolação. Esta é a natureza dos mortais, que nada é mais caro a seu coração do que aquilo que os alegrou: o lamento do que perdemos nos torna injustos em relação ao que nos resta. Mas, se você quiser devidamente apreciar a que ponto, maltratando-a, a Fortuna mexeu com você, você verá que possui mais do que consolações: o que significam para você todos estes netos, estas duas filhas? 10. Diga ainda isto, Márcia: “Eu protestaria se a sorte de cada um correspondesse à sua conduta e se o mal não tocasse nunca os bons; mas constato que, sem distinção alguma, os maus e os bons são joguetes das mesmas tribulações”.

XVII. 1. – É cruel, no entanto, perder o filho que se criou quando ele chega à idade de homem, quando ele já é para sua mãe, para seu pai, um apoio e uma felicidade. – É cruel: quem o contesta? Mas é uma coisa humana: você nasceu somente para perder, para morrer, para esperar, para temer, para atormentar os outros e a si mesmo, temer a morte e a desejar e, o que é pior, jamais saber ao que se ater em relação às verdadeiras condições de sua existência. 2. Se dissessemos a um viajante pronto a partir para Siracusa: “Fique sabendo, antes de tudo, quais são os inconvenientes e as vantagens da expedição que você projeta, após o que você embarcará. Eis o que você poderá admirar: você primeiramente verá a própria ilha, separada da Itália por um estreito canal, e que antigamente sem dúvida fora ligado ao continente; um belo dia o mar irrompeu e,

Dos flancos da Itália, tirou a Sicília.

Você, em seguida, verá (pois nada a impedirá de navegar sobre um redemoinho formidável) o lendário Caribde, tranqüilo enquanto não é visitado pelo siroco, e que, a partir do momento em que este vento se levanta com alguma violência, engole os navios em seu insondável abismo. 3. Você verá a fonte de Aretusa, cantada por todos os poetas, com sua bacia límpida e transparente e as águas glaciais que dela saem, ou porque de lá nascem, ou porque provêm de um rio distante que se insinuou sob a terra e que reparava neste lugar sua pureza

primitiva, tendo passado sob vastos mares sem se misturar às suas ondas corrompidas. 4. Você verá o porto mais bem protegido de todos os que a natureza cavou para nossas frotas ou que a mão do homem conseguiu, porto tão seguro que jamais as mais fortes tempestades fizeram sentir seu furor. Você verá o lugar em que, quando a poderosa Atenas foi vencida, milhares de cativos foram presos em uma fossa com paredes gigantescas, verdadeira prisão natural. Você verá, enfim, esta imensa cidade, cuja extensão é maior do que o território de muitas cidades, lugar com inverno de extrema doçura, em que os dias sem sol são coisa incomum. 5. Mas, quando você tiver assim apreciado todos os encantos do lugar, o verão penoso e malsão lhe tirará as vantagens do céu de inverno; você encontrará aí o tirano Dênis, flagelo da liberdade, da justiça e das leis, ávido por despotismo mesmo depois da visita de Platão, ávido por viver mesmo uma vez banido: ele fará queimar uns, chicotear os outros, a decapitará pela mais leve ofensa, recrutará machos e fêmeas para obter sua lubricidade e, entre as ignóbeis equipes dedicadas às fantasias reais, será pouco participar de dois acoplamentos simultâneos. Ei-la a par do que pode atraí-la e do que pode retê-la: e agora parta ou fique”. 6. Se nosso homem, após tais advertências, persistisse em querer ir a Siracusa, do que estaria ele no direito de se queixar, senão de si mesmo, já que não se encontrava lá por acaso, mas tendo vindo de bom grado, em pleno conhecimento de causa? 7. A Natureza nos diz a todos: “Não quero enganar ninguém. Se você dá à luz filhos, você poderá tê-los belos, você poderá também tê-los feios; talvez lhe nasçam doentes. Um dentre eles poderá salvar a pátria, um dentre eles poderá traí-la. Você tem o direito de esperar que a consideração de que desfrutam será de natureza a preservá-la contra todos os ataques da maledicência; pense, no entanto, que eles podem também se cobrir de infâmia e se tornarem um vivo opróbrio. 8. Nada impede que seus filhos lhe rendam as últimas homenagens e que sejam eles a pronunciarem seu panegírico; mas esteja pronta a colocá-los você mesma na pira, seja em sua juventude, seja em sua idade madura, seja na velhice: pois os anos nada têm com isso, e os funerais aos quais os pais assistem são sempre prematuros”. Se, conhecendo estas condições, você coloca filhos no mundo, você perde o direito de incriminar os deuses: eles não têm nenhum compromisso com você.

XVIII. 1. Apliquemos agora nossa comparação à entrada do homem na vida. Quando você se perguntava se iria ver Siracusa, eu lhe mostrei tudo o que poderia agradá-la e tudo o que poderia desgostá-la nesta viagem; imagine que no momento de seu nascimento eu venha lhe dar este aviso: “Você faz sua entrada na cidade comum dos deuses e dos homens, cidade que compreende todo o universo, que obedece a leis constantes e eternas, em que os corpos celestes realizam suas incansáveis revoluções. 2. Aí você verá miríades de estrelas

brilharem de todos os lados, um astro único encher com seus raios todo o espaço. Você verá este sol, cujo curso cotidiano traça os limites do dia e da noite, e cujo curso anual regula o retorno periódico dos verões e dos invernos. Você verá a lua substituí-lo durante a noite e receber de seu lar fraterno sua doce e suave luz, quer escondida, quer cobrindo a terra com sua face cheia, crescente e minguante a cada vez, e cada vez diferente do que foi na véspera. 3. Você verá os cinco planetas seguirem um rota oposta à de outros astros e progredir em sentido inverso do movimento geral do céu: de suas mínimas variações dependem os destinos dos povos, e as maiores assim, como as menores coisas são diferentemente influenciadas quer um astro propício ou funesto domine quando ela se produzir. Você admirará as nuvens que se aglomeram, as chuvas que caem, o ziguezague dos raios e o barulho do trovão. 4. Quando, saciada dos espetáculos celestes, seu olhar descer sobre a terra, outros objetos a esperarão, com igual maravilha: aqui vastos planos se desenrolam e se estendem ao infinito, além cadeias de montanhas elevando ao mais alto dos ares seus cumes coroados de neve; rios que precipitam suas águas, córregos que, vindos de um mesmo ponto, se espalham na nascente e na vazante; bosques que se balançam sobre os mais altos cimos, e estas mil florestas que povoam animais tão diversos, que alegam os cantos de tantos pássaros. 5. Cidades em posições variadas, nações separadas por fronteiras insuperáveis, umas defendidas por montanhas, outras passivamente envolvidas por rios com leitos profundos; colheitas dobrando-se sob os espinhos, árvores frutificando sem cultura; corredeiras que serpenteiam suavemente entre os prados, golfos com curvas graciosas, rios que se cruzam em forma de portos; inumeráveis ilhas semeadas aqui e ali sobre a imensidão das vagas, cuja monotonia rompem. 6. O que dizer das pedras preciosas, do esplendor das pérolas, do ouro efervescente que os impetuosos cursos de água carregam com suas areias, das colunas de fogo que se lançam do seio da terra e por vezes do meio dos mares, e deste Oceano, envolvendo a terra, cujos três golfos separam as partes do mundo umas das outras e cujas ondas se levantam com um borbulhar formidável? 7. Você aí verá, nadando sob as ondas sempre agitadas, mesmo quando o vento não sopra, animais muito maiores do que os animais terrestres, uns tão pesados que se fazem rebocar para avançar, outros tão ágeis que se afastam dos melhores remadores; alguns absorvem enormes quantidades de água e a jogam com violência, para grande risco dos barcos que passam. Você verá navios indo à procura de terras que não conhecem. Você verá que nada desconcerta a audácia humana; testemunha de suas empresas, você mesma terá nela um papel ativo: você aprenderá e ensinará artes, das quais umas servem como entretenimento, outras para embelezar, outras para conduzir a vida. 8. Mas você encontrará também sobre a terra mil pragas, tanto do corpo quanto da alma: guerras, assassinatos, venenos, naufrágios, intempéries, doenças, lutos prematuros e a morte, da qual

não podemos saber se será doce ou precedida de terríveis torturas. Consulte, reflita e decida: se você quer desfrutar de tantas maravilhas, eis por onde você terá de passar”. Você responderá que quer viver. Como seria diferente? Você vai recusar uma coisa da qual não se pode retirar a menor parcela sem fazê-la sofrer? Viva, pois, segundo a lei que você aceitou. – Mas, dirá você, não fui consultada. – Nossos pais são consultados em nosso lugar: eles conhecem as condições da vida no momento em que no-la deram.

XIX. 1. Mas, para conseguir os meios de consolação, vejamos inicialmente quais males se trata de curar, e em seguida como são curados. Aquilo que provoca nossa dor é o lamento de não termos junto a nós um ser que nos era caro. Em si, esta privação seria evidentemente tolerável: pois não choramos os ausentes que emigraram para outros lugares por toda a vida, apesar de termos perdido, com a possibilidade de os ver, todos os prazeres que nos davam. É, pois, de uma idéia que somos vítimas, e nossa infelicidade é apenas aquilo que queremos que seja. O remédio está em nossas mãos: digamos que os mortos são ausentes e nos iludamos voluntariamente. Nós nos separamos deles como para uma viagem: que digo eu? Nós vamos nos reunir a eles, eles apenas partiram na frente. 2. Uma outra causa de nossa dor é este pensamento: “Não terei mais ninguém para me proteger, para me resguardar do desprezo”. A isto respondo por uma consolação pouco importante sem dúvida, mas positiva: em uma cidade como a nossa, ganha-se em ver morrer seus filhos mais consideração do que se perde; e é fato que este isolamento, que antes era a perda de um homem, dá hoje à velhice crédito, vemos tantas pessoas que fingem odiar seus filhos, renegam sua progenitura e criam para si uma solidão artificial. 3. Eu sei o que você vai me dizer: “Se eu soffro, o preconceito não me atinge”. Com efeito, uma pessoa que se aflige com a morte de um filho como faria com a de um escravo e que encontra meio de ver em seu filho algo além deste próprio filho não merece ser consolada. Com o que, pois, você sofre, Márcia? É com seu filho morto ou com o pouco tempo que ele viveu? Se for porque ele morreu, você teria de sempre ter sofrido: pois você sempre soube que ele morreria. 4. Pense que os mortos não experimentam nenhuma pena, que aquilo que torna os infernos temíveis para nós é apenas lenda, que não há trevas envolvendo as mortes, nem prisão além túmulo, nem rios de fogo, nem rio de esquecimento, nem tribunais, nem acusados e que não se alcança esta liberdade sem igual para nela reencontrar novos tiranos: estes são jogos de poetas, fatos que nos agitam com vãos terrores. 5. Com a morte se acabam todos os sofrimentos; é um termo além do qual nossas infelicidades não passam: ela nos recoloca na tranqüilidade em que estávamos mergulhados antes de nascer. Se, então, você lamenta os mortos, lamente também aqueles que ainda não nasceram. A morte não é nem um bem nem um mal: pois, para ser um bem ou um mal, é

preciso ser algo. Mas aquilo que não é nada em si mesmo e pelo qual tudo volta ao nada não tem nenhuma consequência para nós: não poderia haver aí nem males nem bens sem uma matéria qualquer sobre a qual exercer-se. A Fortuna não tem alcance sobre aqueles que a natureza coloca em descanso definitivo e não se pode ser infeliz quando não se é mais. 6. Seu filho ultrapassou os limites do domínio da servidão; ele está no seio de uma paz profunda e eterna. Nem o medo da pobreza, nem o amor às riquezas, nem os agulhões da paixão, que colhe a alma pelo apetite do prazer, o atingem; ele não experimenta nenhum ciúme da felicidade de outrem, a sua não igualmente não o atrai; jamais insolência alguma fere seus castos ouvidos. Seus olhos jamais observam nem desastres públicos nem calamidades privadas. Ele não é escravo inquieto de um futuro cujas promessas são cada vez mais duvidosas. Ele está, enfim, em uma temporada da qual nada pode mais o banir, na qual nada pode mais aterrorizá-lo.

XX. 1. Oh! Como desconhecem suas misérias, aqueles que não celebram a morte como a mais bela invenção da natureza e que não a aguardam com esperança! Coroe ela uma vida feliz, ou afaste de nós o infortúnio, ou finde a saciedade e a fadiga do ancião, ou leve o jovem na aurora, na idade em que estamos limitados a esperar melhor, ou reclame à criança o tempo das experiências, para todos ela é o fim, para muitos a cura, para alguns a realização do desejo supremo, e os que têm mais obrigações são aqueles que a recebem antes de ter implorado sua vinda. 2. A morte liberta o escravo malgrado seu senhor; a morte alivia os cativos de suas correntes; a morte abre a prisão daqueles que eram mantidos despoticamente por um poder inflexível; a morte mostra aos exilados, cujo pensamento e o olhar se voltavam incessantemente para a pátria, que se repousa igualmente bem sob uma terra quanto sob a outra; se a Fortuna repartiu mal bens que de direito são comuns a todos; se, de dois seres nascidos iguais, ela deixou que um fosse propriedade do outro, a morte restabelece entre eles a igualdade. Apenas a morte nada faz segundo o capricho de outrem: não se sente a baixaza de seu estado, não se tem de forma alguma senhor a servir. Oh, Márcia! ela foi o desejo de seu pai. Graças a ela, não é mais um suplício ter nascido; graças a ela, as ameaças da sorte não me abaterão mais, e minha alma, livre de seus ataques, permanecerá senhora de si mesma; eu tenho um porto onde me refugiar. 3. Vejo nos tiranos cruzes de mais de uma espécie, variadas em sua fantasia: um suspende suas vítimas de cabeça para baixo; o outro atravessa o corpo com uma estaca que vai do tronco à boca, outros lhes estende os braços a uma forca; eu vejo suas cordas, suas varas sangrentas, seus instrumentos de tortura para meus membros, para cada uma das articulações de meu corpo; mas também aí eu vejo a morte. Adiante, são os inimigos cobertos de sangue, cidadãos impiedosos; mas ao lado deles eu vejo a morte. A servidão deixa de ser dura, quando o escravo,

desgostoso com o senhor, tem apenas um passo a dar para se ver livre. Contra as misérias da vida, eu tenho a morte como recurso. 4. Pense como é bom morrer quando se deseja, e a quantos homens custou ter vivido demais! Se o Cônsul Pompeu, honra e sustentáculo do estado, tivesse sido levado do mundo quando de sua doença em Nápoles, teria morrido certamente o primeiro cidadão da república. De qual cúmulo de glória o precipitaram alguns anos a mais! Ele viu desfazerem-se suas legiões, das quais o senado formava a primeira linha, e cujos restos tiveram a infelicidade de ver seu chefe lhes sobreviver. Ele viu o verdugo egípcio; ele apresentou ao vil satélite uma cabeça sagrada até para o próprio vencedor. Ao final, ele teve a vida salva, como se arrependeu de tê-la aceito: que vergonha para Pompeu, dever a vida à generosidade de um rei! 5. E Cícero, quando soube se desviar do punhal de Catilina dirigidos ao mesmo tempo sobre ele e sobre a república; se a esta hora ele estivesse morto, seria salvador e libertador de Roma; se tivesse seguido sua filha ao túmulo, poderia ter morrido feliz. Ele não veria levantada a espada sobre a cabeça dos cidadãos, os carrascos dividirem entre si os bens das vítimas que pagaram elas mesmas os gastos de sua morte, os despojos de tantos cônsules vendidos em leilão, o massacre e a pilhagem contratada com verbas públicas, tantas guerras, tantas rapinas, tantas Catilinas. 6. Se, em seu retorno de Chipre, onde ele havia regrado a sucessão do rei desta ilha, Catão tivesse sido engolido pelo mar com os tesouros que trazia e que iria nutrir a guerra civil, não teria sido uma felicidade para ele? Ele morreria com o pensamento de que ninguém ousaria cometer o crime na presença de Catão. *Hélas!* Alguns anos a mais obrigaram este grande homem, nascido para a liberdade de todos os outros mais do para a sua, a fugir de César e seguir Pompeu. Digamos: não é uma infelicidade para seu filho ter morrido jovem; a morte fez-lhe mesmo libertar-se de todos os males futuros.

XXI. 1. Você diz: “Ele faleceu cedo demais, e antes da idade!” Mas suponhamos que tivesse vivido mais; imagine a que se reduz a mais longa vida dada ao homem? Nascido para um momento, é-lhe necessário rapidamente ceder a outros, vindos pela mesma razão, uma morada que apenas pode entrever de passagem. Falo da vida humana, esta torrente que, como se sabe, anda com uma incrível celeridade; mas veja estas cidades que contam séculos, e calcule como subsistiram pouco aquelas que cantam mais sua antigüidade. Tudo o que vem do homem é breve e perecível, e não ocupa lugar nenhum na infinidade das eras. 2. Este globo, com todos os seus povos, suas cidades, seus rios e o Oceano como cinturão apenas nos parece um ponto comparado ao universo. Bem! comparado à eternidade, nossa existência é menos do que um ponto no tempo, pois a eternidade é mais ampla do que este universo, que, sem esgotar o espaço, retorna tão freqüentemente sobre si mesmo. Que importa, pois, estender um espaço cujo

desenvolvimento, por mais longe que vá, está tão perto de nada? A vida longa é aquela que cumpriu sua tarefa. 3. Você teria o prazer de me citar os homens cuja velhice é histórica, estes homens que viveram até os cento e dez anos; se você abraçar a eternidade pelo pensamento, da mais longa à mais breve existência, a diferença será nula quando comparar o tempo que viveram estes homens com aquele que eles não puderam viver.

4. Ademais, seu filho realmente não morreu cedo demais; viveu o que devia viver; ele não tinha direito a nada mais. A velhice não é mais uniforme para os homens do que para os animais. Vemos alguns animais se esgotarem em um espaço de quatorze anos, apesar de tocarem a senilidade quando o homem ainda quase não saiu da infância. Cada indivíduo recebe em partilha uma duração de vida que lhe é própria. 5. Ninguém morre cedo demais, já que ninguém deveria viver mais tempo do que viveu. Cada um tem seu limite fixado: é impossível que ele saia do ponto estabelecido, não há cuidados nem favores que a façam recuar. Persuada-se de que, se você perdeu seu filho, é em virtude de um desenho eterno da vontade divina: ele teve sua parte, ele “atingiu o limite do tempo que lhe era devido.”

6. Rejeite, pois, o terrível pensamento de que ele poderia ter vivido mais. Sua vida não foi interrompida, e nunca o acidente intervém na seqüência de nossos anos. Cada um vê se realizar o que lhe foi prometido; os destinos seguem reto o seu caminho, sem jamais tirar nem acrescentar algo ao programa que eles traçaram. Nossos desejos, nossas dores são inúteis: cada um terá apenas o que lhe foi designado no primeiro dia de sua existência. Desde o instante em que se vê a luz, toma-se o caminho da morte, vai-se rumo ao termo fatal, e os anos que prolongam a juventude abreviam a vida. 7. É nosso erro universal crer que há apenas anciões já alquebrados e decrépitos que pendem para o túmulo: a infância, a juventude e todas as idades para aí nos levam. Os destinos realizam sua obra: eles nos impedem de perceber que morremos e, para melhor perturbar sua marcha, a morte se dissimula em nós sob a própria aparência da vida: por uma insensível metamorfose, o bebê mergulha na infância, a infância na puberdade, a velhice absorve a idade madura. Cada ganho, ao final das contas, é uma perda.

XXII. 1. Você se queixa, Márcia, de que seu filho não viveu tanto quanto poderia. Como você sabe se ele teria aproveitado viver mais tempo, e que esta morte não foi um benefício para ele? Encontre-me hoje em dia uma única pessoa cuja condição seja tão segura e tão solidamente estabelecida que nada tenha a temer do futuro. As coisas humanas são oscilantes e fugidias e o que há em nossa vida de mais precário e mais frágil é justamente o que nos atinge mais no coração; também, no cúmulo da felicidade, dever-se-ia desejar a morte: pois a instabilidade e a confusão de todas as coisas são tais que não podemos, excetuando-se o

passado, contar com nada. 2. Quem lhe garante que o corpo encantador de seu filho, que ficou sob os olhares sem pudor de uma cidade dissoluta, teria escapado de todas as doenças e conservado até a velhice sua beleza inalterada? Pense nas mil máculas que espreitam a alma: os melhores espíritos não mantêm ao envelhecerem as esperanças que fizera nascer sua juventude; com muita freqüência eles se corrompem no caminho: ou um gosto tardio e ainda mais vergonhoso da derrocada os invade, ou os vemos soçobrar na gula e não ter outra inquietude senão saber o que comerão ou beberão. 3. Acrescente os incêndios, o desabamento dos edifícios, os naufrágios e as torturas que lhes infligem os médicos quando o rasgam vivos para procurar em seus ossos, mergulhando suas mãos em suas carnes palpitantes, ou cuidam de suas partes vergonhosas, ao preço de sofrimentos sem conta. E depois há o exílio: seu filho não era mais íntegro que Rutílio; a prisão: ele não era mais sábio que Sócrates; o suicídio: ele não era mais virtuoso que Catão. Considere todas estas eventualidades e convirá que os privilegiados da natureza são os que ela coloca cedo em lugar seguro, para lhes poupar o resgate que a vida lhes exigiu. Nada mais falacioso, mais pérfido do que a vida humana; ninguém, oh deuses! aceitaria se não a recebêssemos sem conhecimento. Se, pois, a felicidade suprema é não nascer, aquela que dela mais se aproxima, imagino, é desaparecer o mais cedo e retornar rapidamente ao nada original. 4. Pense no tempo terrível em que Sejano dava seu pai como pasto a seu cliente Sátrio Secundo. Ele o odiava por uma ou duas palavras demasiadamente atrevidas, Cordo não podendo suportar em silêncio que pusessem um Sejano sobre nossas cabeças ou, melhor dizendo, que ele próprio sobre elas se subisse. Acaba-se de votar a ereção de uma estátua de Sejano no teatro de Pompeu, que Tibério reconstruía após o incêndio: “Desta vez”, gritava Cordo, “será mesmo o fim deste teatro!”. 5. Poderia ele não ter estourado vendo um Sejano se erguer das cinzas de Pompeu, um soldado desleal deificado no monumento que perpetua a memória de um dos nossos maiores generais? O ato de acusação está assinado; a corja furiosa, que Sejano, para a ela se ligar e torná-la feroz para qualquer outro, alimentava de sangue humano, se põe a uivar em torno deste grande homem que também não conserva seu sangue frio. 6. O que fazer? Para viver, era preciso suplicar a Sejano, para morrer curvar-se à sua filha, todos os dois inabaláveis. Ele resolveu enganar sua filha. Ele tomou um banho para diminuir suas forças, e se retirou para seu quarto dizendo que iria aí fazer uma refeição; lá ele dispensou seus escravos e jogou pela janela uma parte dos alimentos, para fazer com que pensassem que ele havia comido; depois disso, ele não jantou, sob pretexto de que havia comido suficientemente em seu aposento. No dia seguinte, a mesma coisa. No quarto dia, sua fraqueza não lhe permitiu mais dissimular. Ela a tomou, então, em seus braços: “Minha querida filha”, diz ele, “saiba da única coisa que já lhe escondi: tomei o caminho da morte e já percorri quase a metade do trajeto; você

não deve me reter e você não mais poderia fazê-lo”. Estas palavras pronunciadas, fez com que fossem fechados todos os acessos à luz e se sepultou nas trevas. 7. Quando se soube a posição que adotara, foi uma alegria universal, na visão de que estes lobos viam sua presa ser-lhe arrancada da goela. Sob a instigação de Sejano, os acusadores se apresentaram no tribunal dos cônsules; eles se queixavam de que Cordo se suicidava para os impedir de realizar sua obra: de tal forma era o sentimento deles de que Cordo lhes escapava! A questão que se colocava era séria: será que lhes deixariam perder a morte de seu acusado? Enquanto se deliberava, que os acusadores renovavam seus argumentos, Cordo absolveu-se. 8 Veja, Márcia, que calamidades imprevistas fundam sobre nós quando os tempos se tornam difíceis. Você chora porque um dos seus foi obrigado a morrer: no outro foi permitido o mesmo.

XXIII. 1. Além de o futuro ser sempre incerto e comportar mais más oportunidades do que boas, o caminho do céu é infinitamente mais fácil para as almas que deixam em boa hora o comércio dos humanos: elas ficam mais leves com menos lodo. Libertadas antes de se misturarem com matéria demais e impregnarem-se com demasiados elementos terrestres, elas retomam um vôo mais leve rumo à sua pátria e se desligam mais facilmente de tudo o que as macula e as altera. 2. Nunca, aliás, as almas superiores se satisfazem nesta estada do corpo: elas anseiam escapar, evadir-se, elas suportam impacientemente sua prisão, acostumadas que estão a errar livremente nos espaços celestes e contemplar de muito alto a miserável humanidade. Eis por que Platão grita que a alma do sábio pende completamente para a morte, e que é este seu desejo, sua meditação, a paixão constante que o leva do mundo.

Então! Márcia, quando você via neste jovem uma prudência de ancião, uma alma vitoriosa de todas as volúpias, perfeitamente pura, isenta de vícios, procurando a riqueza sem cupidez, as honras sem ambição, os prazeres sem intemperança, você pensava que poderia conservá-lo por muito tempo? Aquele que atinge a perfeição está sempre perto de desaparecer. A virtude realizada se desfaz e se subtrai aos olhos, e, quando uma coisa logo amadurece, ela não espera o outono. 4. Mais o fogo brilha, mais rápido se apaga; ele dura mais quando vem de uma madeira resistente e mal combustível e que sua chama atravessa com dificuldade as ondas de uma espessa fumaça: ele se prolonga em virtude do mesmo motivo que faz com que tenha tanta dificuldade em pegar. O mesmo acontece com nossos espíritos: mais lançam brilho, menos duram; pois, quando uma coisa não tem como crescer, ela não está distante de seu declínio. 5 Fabiano conta, e nossos pais o viram, que havia em Roma uma criança de um tamanho gigantesco, esplendoroso em força e saúde; mas esta criança viveu muito pouco, e todas as pessoas prevenidas haviam previsto sua rápida morte: como poderia

ela chegar a uma idade que por antecipação já tinha? Repito: uma precocidade excessiva anuncia um desaparecimento iminente; o fim se aproxima, quando o progresso chega a seu termo.

XXIV. 1. Decida-se a fazer as contas das virtudes, e não dos anos de seu filho: você verá que ele viveu o bastante. Privado de seu pai, ele ficou até os quatorze anos sob os cuidados de seus tutores, e durante toda a sua vida sob a tutela de sua mãe. Apesar de ter seu próprio lar, recusou-se a deixar o de sua mãe e, na idade em que os jovens suportam mal a sociedade de um pai, ele permaneceu sob o teto materno. Seu porte, sua beleza, seu vigor o designavam para o ofício das armas: ele renunciou à vida militar para não se afastar de você. 2. Calcule, Márcia, quantas mães que moram separadas de seus filhos os vêem pouco freqüentemente; conte os anos que perdem e que passam na angústia aquelas cujos filhos dedicam-se às armas: você confessará que o período em que você desfrutou tão completamente foi fortemente ampliado. Jamais saiu de suas vistas: foi sob seus olhos que o estudo formou este espírito superior e que se igualou a seu avô, se a modéstia, que infla tantos talentos, a isto não se tivesse oposto. 3. Adolescente de uma beleza pouco comum, no meio de todas estas mulheres que apenas pensam em corromper nosso sexo, não se prestava às esperanças de nenhuma delas, e, com a perversidade de algumas chegando a realizar avanços, ele enrubescia somente por haver agradado. Ele ainda era apenas uma criança quando esta pureza de costumes o fez se julgar digno de um sacerdócio; o apoio de sua mãe contribuiu para isso sem dúvida alguma, mas esta própria mãe nada teria obtido para um candidato sem mérito. 4. Como a contemplação destas virtudes recoloca, por assim dizer, seu filho entre seus braços! É neste momento que ele é completamente seu; agora nada pode distraí-lo, nunca mais ele lhe dará preocupações, jamais lhe causará dor. Você experimentou a única dor que poderia vir-lhe de um filho tão perfeito; a seqüência, não comportando mais nenhum risco, apenas pode lhe oferecer prazeres, à condição de que você saiba desfrutar de seu filho e que você tenha uma idéia justa daquilo que de verdadeiramente precioso havia nele. 5. É somente a imagem de seu filho que morreu, apenas sua representação bem imperfeita; ele é eterno, e seu estado presente vale muito mais, já que despojado dos vínculos que o assoberbavam e completamente voltado para si mesmo. Esta matéria de que somos revestidos, estes ossos, estes músculos, esta pele que os recobre, este rosto, estas mãos complacentes, e todo este invólucro humano não são para a alma senão entraves e trevas. Por ela a alma é esmagada, sufocada, corrompida; é afastada da verdade, para a qual é feita, e aprisionada no erro. A alma não deixa de lutar contra esta carne grosseira, cujo peso a arrasta e a oprime; ela se esforça para voltar aos lugares de onde veio: aí a esperam uma paz eterna e o espetáculo da pura luz, na saída do caos e da noite.

XXV. 1. Não se precipite, pois, sobre a tumba de seu filho: você apenas encontrará um vil e repugnante despojo, ossos, cinzas, que não mais eram ele tanto quanto suas vestes e tudo com o que cobrimos seu corpo. Ele se foi completamente, ele partiu sem nada deixar sobre esta terra, após uma curta estada sobre nossas cabeças, o tempo de se purificar e de livrar de todas as taras, de todas as manchas da vida mortal, ele se lançou ao mais alto dos céus, e agora se regozija livremente entre as almas dos bem-aventurados. 2. Ele foi acolhido na santa sociedade dos Cipiões e dos Catões. Entre os que desprezaram a vida e partiram espontaneamente, ele encontrou, Márcia, seu próprio pai. Este (apesar de todos lá em cima formarem uma única família) toma junto a si o neto, encantado com esta luz nova; ele lhe explica a marcha dos astros que se avizinham e o inicia com alegria, não sobre conjecturas, mas graças à experiência direta que tem da verdade, a todos os mistérios da natureza; e o reconhecimento que experimenta o estrangeiro pelo guia que lhe mostra uma cidade desconhecida, seu filho experimenta por este parente que, respondendo à sua curiosidade, lhe revela as causas dos fenômenos celestes. Ele também faz mergulharem seus olhos bem no fundo do espaço, até na terra: pois é doce rever de cima as regiões que deixamos. 3. Diga, conseqüentemente, Márcia, que sua conduta tem como testemunhas seu pai e seu filho, não como você os conheceu, mas infinitamente engrandecidos e dominando do mais alto o universo: enrubesça com toda a ação baixa ou vulgar, e enrubesça de chorar os seus, objetos de uma tão bela metamorfose. No seio do espaço eterno e das livres extensões, eles nada mais têm que os separe, nem os vastos mares, nem as altas montanhas, nem ravinas impraticáveis, nem Syrtos com areias movediças; para eles todo o caminho converge; eles se movem com uma agilidade ideal, se penetram reciprocamente, e se misturam à substância das estrelas.

XXVI. 1. Imagine, então, que do mais alto dos céus, este pai, Márcia, que teve sobre você a mesma autoridade que você sobre seu filho, lhe fala não com o tom magnífico com o qual deplorava as guerras civis e proscrevia para a eternidade os condenadores, mas com um tom mais sublime ainda, em harmonia com as regiões etéreas que ele habita. 2. “Por que, minha filha, este longo império da dor apossou-se de você? Por que razão você se mantém tão fechada para a verdade para poder olhar seu filho como uma vítima, desde o instante em que, sem ter sofrido o menor ataque nem em sua família, nem em sua pessoa, ele foi encontrar seus ancestrais? Ignora você de que tempestades a Fortuna varre o mundo? E que ela não é indulgente e fácil senão para aqueles que evitam cuidadosamente mexer com ela? Dever-lhe-ei citar estes reis cuja felicidade teria sido sem igual se fossem mais cedo tirados dos males que ameaçavam suas cabeças? Estes generais romanos, a cuja grandeza nada faltaria se retirasse algo a seus dias? Estes grandes homens, estes heróis ilustres, que não foram poupados

senão para se oferecer à espada de um mercenário? 3. Olhe seu pai e seu avô: seu avô se tornou um juguete de um assassino; – eu não dei direito a ninguém sobre mim mesmo, eu me privei de alimentos, e mostrei que tinha a alma tão elevada em minha vida quanto em meus escritos. Por que aquele que teve a morte mais feliz é, em nossa família, o mais longamente pranteado? – 4. Estamos agora reunidos e livres da espessa obscuridade que a rodeia, nós descobrimos que nada tem em sua existência terrestre de desejável, como você imagina, nada de elevado, nada de surpreendente, sendo tudo senão abjeção, pesadez e tormenta, e que até você não chega senão um pálido reflexo de nossa luz! Eu acrescentaria que jamais vemos aqui exércitos que atacam com furor uns aos outros, nem frotas que se destroçam, que jamais parricídios foram urdidos nem premeditados, que não se conhecem fóruns em atividade da manhã à noite no tumulto do processo, que tudo acontece a descoberto, que o pensamento aí surge sem véu e o coração sem disfarce, que aí vivemos à vista e à disposição de todos, que aí contemplamos toda a seqüência das idades, passadas e futuras? 5. Estava orgulhoso de escrever a história de um século, de traçar os acontecimentos realizados no menor cantão do universo por um pequeno punhado de homens: quantos séculos agora, que encadeamento de idades sucessivas, de anos sem número me foi dado a observar! Eu contemplo de bom grado os nascimentos e as quedas dos futuros impérios, a destruição das cidades mais poderosas e as novas invasões dos mares. 6. Pois, se você pode encontrar no pensamento do destino comum um consolo para seu luto, não há nada que possa ficar em seu lugar, nada que o tempo não possa reverter e colocar cedo ou tarde em seu curso, e não é somente dos homens que tratará (que são os homens no infinito domínio em que a Fortuna exerce seu poder?), mas lugares, regiões, diferentes partes do universo. Ele aplinará montanhas e fará surgir além novos cumes escarpados; ele secará os mares, desviará os rios e, suprimindo as comunicações entre os povos, abolirá a sociedade e a união do gênero humano; além, ele abrirá fendas formidáveis que engolirão as cidades, ou as agitará com tremores de terra; ele fará nascer o sol dos vapores pestilentos; ele cobrirá com inundação a superfície do mundo habitado e fará perecer sob as vagas todas as espécies animais, ele espalhará chamas devastadoras que consumirão e devorarão tudo o que respira. E, quando for chegada a hora em que o mundo deve ser aniquilado para se renovar totalmente, toda substância se destruirá, os astros se chocarão contra os astros, o fogo queimará o universo, e todos estes corpos luminosos, que brilham em uma ordem tão bela hoje, não formarão senão a chama de um vasto e único incêndio. 7. Nós mesmos, almas afortunadas, que temos a eternidade como herança, no dia em que deus julgar bom reconstituir o universo, nós não seremos, no meio do caos geral, senão um detalhe a mais na grande catástrofe, e voltaremos a nos perder no seio dos elementos primeiros”.

Feliz de seu filho, Márcia!, ele sabe doravante tudo isso.